

Progetti e ricerche, tra Italia e Portogallo

Barbara Bogoni, Helder Casal Ribeiro

Tra tradizione e innovazione, tra paesaggi, preesistenze, memorie, il progettista si muove sul filo della storia, lo intreccia, lo annoda, lo tende e, così, della storia congiunge i lembi, allinea e gerarchizza gli eventi, sceglie le immagini e i valori da consegnare al futuro.

Nei **territori internazionali di ricerca, tra Italia e Portogallo**, studenti e docenti del Polo di Mantova del Politecnico di Milano, si muovono intrecciando le conoscenze, gli obiettivi, i metodi di lavoro, le ricerche e i progetti, costruendo interazioni culturali e umane sempre più ricche e intense. Indagano le molte storie che i paesaggi e le culture offrono alla loro formazione; apprendono tecniche e approcci; imparano a muoversi nei contesti più ampi e articolati del mondo, rilevando assonanze e dissonanze; si confrontano; si interrogano.

Nel processo di **consolidamento delle relazioni** tra la Scuola di Architettura dell'Università di Porto (FAUP) e la Scuola di Architettura Urbanistica e Ingegneria delle Costruzioni del Politecnico di Milano (AUIC), sono sorti e si sono incrementati negli anni flussi di scambi culturali, che hanno impegnato studenti e docenti in una fitta rete di attività curriculari ed extracurriculari, stages, workshops, lezioni, conferenze etc. La prassi di lavoro congiunto di professori e allievi internazionali, su temi di ricerca e progetti condivisi è divenuta per entrambi una importante occasione di confronto, **trasformandosi nel tempo in una consolidata tradizione di formazione permanente.**

In questo vivace contesto interattivo si inserisce il lavoro di Cesare Cantoni.

Il suo **studio sulla città di Porto**, condotto con l'obiettivo di **conoscere per trasformare** è specificamente orientato a comprendere i caratteri della produzione industriale e artigianale della ceramica (azulejos) di cui Porto si è fatta carico per lungo tempo, consentendogli di approfondire le specificità di un'area oggi obsoleta e sottoutilizzata, ai margini della città e in stretta relazione con il fiume Douro, che per lungo tempo è stata sede dell'importante Fabbrica di ceramiche di *Massarelos*, fondata nella metà del XVIII secolo. La complicità con il fiume, la forte pendenza del terreno, le tracce di lontane presenze hanno costruito le basi per un intervento ampio e articolato sul territorio, che, nel mettere in luce le potenzialità insite in ogni operazione di recupero, offrì un nuovo punto di vista sullo sviluppo della città verso

l'entroterra innescando fenomeni di riqualificazione urbana ed edilizia, e di rivitalizzazione attraverso l'innesto di attività attrattive come una scuola e innovative, come una Scuola *Contemporanea* di Arte e Artigianato, orientate a un'utenza giovane, dinamica e culturalmente vivace. Fortemente marginale nella contemporaneità, conferma Cesare Cantoni attraverso gli strumenti del progetto, il settore della produzione artigianale può dare ancora molto a una città che annovera una tradizione tanto significativa e, attraverso la formazione specialistica di giovani talenti, può diventare un reale punto di forza culturale ed economico, identitario e qualificante.

Vista in questi termini, la formazione in questo ambito, aperta a diverse forme d'arte tra cui anche la ceramica – strettamente connessa con la storia delle permanenze architettoniche e archeologiche presenti sull'area di progetto –, **si presenta come un fattore di consolidamento della tradizione** e, contemporaneamente, di innovazione in termini di imprenditorialità, sviluppo economico e impiego delle risorse umane. Porto, il Portogallo, potrebbero dimostrare un effettivo interesse per operazioni analoghe a questa, che mette a sistema l'intento di *riqualificazione* di grandi aree marginali, interessanti alla Amministrazione Pubblica proprio perchè momentaneamente estranee agli appetiti del mercato immobiliare, con quello di *innovazione* della produzione artigianale attraverso l'educazione.

Le vestigia dell'antica fabbrica di Massarelos, che nel tempo ha accolto materia, uomini e gesti e che, oltre alla produzione di vasellame si è occupata della realizzazione di interessanti spazialità architettoniche ancora oggi oggetto di attenzione e apprezzamento – i forni e le ciminiere, per esempio – rappresentano l'occasione per conservare la memoria di cultura e tradizione passate, dell'attività produttiva, dell'archeologia industriale, di ciminiere, tracciati, orientamenti, affacci, di qualche cocciolo di scarto trovato appena sotto la superficie del terreno... in ogni suo anche minuto sussulto. Questo proliferare di segni e di impressioni diviene materiali per comporre, sul versante settentrionale della valle fluviale che si dispiega al Douro, sequenze di volumi giustapposti, appoggiati, parzialmente innestati, talvolta inglobati nella terra e paesaggisticamente connessi attraverso percorsi, setti murari, scale e rampe, per accogliere nuovi movimenti, nuova vita e nuove spazialità abitabili.

Neste diálogo aberto, mas comprometido, entre a condição do natural e do artificial como noções complementares na construção de uma paisagem, a ação de projeto alimenta-se da sedimentação da memória. Memória esta que deambula entre a erudita, informada pela história da cidade e da arquitetura, e a empírica, intuída por um sentir coletivo culto, muitas vezes fluída, contaminada pela expressão oral, mas cujo sentimento do passado, suas experiências e vivências, são parte integrante da identidade de uma comunidade, logo, do seu sentido de lugar. Este dialogo reconhece a condição e o papel operativo do contexto como uma forma natural de cidadania, ou seja, aceita o caráter do contexto como uma memória coletiva – erudita e empírica –, um palimpsesto de encontros arquitetónicos e urbanos, capazes de transformar o convencional em algo único.

Será este sentir coletivo, errático, intermitente, por vezes até contraditório, que a condição do lugar transporta para o processo de desenho, interpelado pelo desígnio da encomenda como fio condutor, interpretando o programa funcional como um pretexto para fazer arquitetura.

Aqui o processo de desenho é entendido, não só, como prática oficial e disciplinar, mas também, como modo de ver e entender a arquitetura na formulação de uma *ideia construída* que convoca a síntese das artes, através das suas noções interdisciplinares de composição, geometrização e significação.

Projetar hoje, implica a necessidade de identificar e reconhecer o papel significativo que as artes visuais e performativas têm desempenhado no abrir de horizontes coletivos, desde a arte abstrata até à arte conceptual, moldando o gosto dominante e reforçando a noção de um *discurso poético* ou *narrativa autoral* na disciplina da arquitetura.

A proposta desenvolvida por Cesare Cantoni, na sua constante inquietação, procura um equilíbrio entre o desejo de transformar uma paisagem adormecida e a vontade de resgatar o que nesse sono se qualificou ao longo do tempo. Convoca-se aqui uma arquitetura sensível, culta e de compreensão *do tempo longo*.

O presente trabalho reflete um processo de desenho que explora a interpretação física e sensorial do contexto, na procura de ideias que sustentem e de formas que traduzam um princípio de intervenção dialogante e equilibrado com a paisagem, tirando partido da sua acentuada topografia e relação privilegiada com o rio douro, de modo a enquadrar um programa extenso e complexo, em natureza e carácter.

A procura de um diálogo conceptual e formal com a paisagem mais alargada da frente urbana induziu uma leitura horizontal da área de intervenção, assente no reconhecimento do significado dos sucessivos socalcos e muros de contenção cujos limites se vão naturalmente diluindo.

O movimento horizontal e fragmentado do conjunto proposto apropria e reinterpreta de forma natural os socalcos e muros de contenção desmultiplicando o gesto em sucessivos avanços e recuos, sem mimésis, por um lado, simplesmente habitando a paisagem natural existente e, por outro, redefinindo essa mesma paisagem de forma livre e integrada com o escala e proporção do novo edificado.

Este ponto de partida desenha um sistema integrado e hierarquizado, cuja matriz tridimensional constrói o espaço arquitetónico, simultaneamente, como sistema construtivo e como sistema métrico que modela e estabelece a ordem dos diversos espaços, respondendo a todas as necessidade programáticas.

Assim, poderemos intuir que o processo de trabalho convoca, entre a condição do existente e o desígnio do proposto, o *estatuto da controvérsia*, formalizado pelo filósofo Fernando Gil (*Mimésis e Negação*), como ferramenta operativa para problematizar a relação entre a condição do natural e do artificial, através de uma narrativa poética que explora o “*bom uso a fazer das disputas da razão*”.

Esta abordagem permite identificar o problema proposto e sua respetiva formulação por meio de um principio arquitetónico - discurso, baseado em uma lógica disciplinada (abstração - geometrização), interpretada pelo desígnio do programa/encomenda e pelas condições físicas e simbólicas do contexto.

Esta forma de conceber espaço e formular formas deseja e acredita na transformação do seu tempo, através da responsabilidade social dos seus autores, e na criatividade das suas ideias, como arquitetos e como cidadãos, tanto no desempenho de seus deveres artísticos e técnicos quanto no seu quotidiano.

Na implementação da abordagem pedagógica e modelo didático em experiência, entre Mantova e Porto, o carácter e empenho do aluno culto e aberto à experimentação, nomeadamente vivenciar ativamente a cidade onde vai intervir, são fatores determinantes para o seu sucesso.

O percurso de Cesare Cantoni explora esta dimensão do acto de projetar, ou seja, de pensar a forma e o espaço a partir das permanências da arquitetura, sejam suas ferramentas, metodologias ou noções e preocupações, informado pelas suas deambulações entre Mantova, a sua escola mãe, e o Porto, entre o seu erasmus na faculdade de Arquitetura ou o estagio no escritório de Eduardo Souto Moura.

Mas será sobretudo a circunstância acumulativa do reconhecimento do seu quotidiano portuense, com sentido de escola, intrinsecamente interligado com uma noção de cultura aberta e abrangente, onde o sentir coletivo potenciou a sua natural generosidade, capacidade de trabalho e intransigente investimento na qualidade do desenho como pensamento e ação.

Cascais/Porto, 24 de Julho 2020